

# Como trazer para a escrita os processos criativos da pesquisa?

How to bring the creation processes of the research to the writing?

¿Cómo traer para la escrita los?

**Camila Feltre<sup>1</sup>**

**Camila Serino Lia<sup>2</sup>**

**Patrícia Marchesoni Quilici<sup>3</sup>**

---

1 Doutoranda em Arte e Educação no Instituto de Artes da Unesp, bolsista CAPES, professora na pós-graduação "O livro para a infância" n'A Casa Tombada e arte educadora em espaços de educação não formal.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7470535858414999>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0324-9437>

E-mail: [cafeltre@gmail.com](mailto:cafeltre@gmail.com)

2 Doutoranda em Arte e Educação no Instituto de Artes da UNESP, bolsista CAPES, atua como arte educadora, com formação de professores de Arte e em projetos educativos em instituições culturais.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0724269674252914>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8763-326X>

E-mail: [camilialia2008@gmail.com](mailto:camilialia2008@gmail.com)

3 Mestranda em Arte e Educação no Instituto de Artes da UNESP e atua como arte educadora, desenvolvendo oficinas e intervenções lúdicas para crianças, cursos para adultos, formação para educadores e projetos socioculturais.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0243075541169571>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9679-5025>

E-mail: [mq.patricia@gmail.com](mailto:mq.patricia@gmail.com)

### **Resumo**

Escrito por três pesquisadoras que, em comum partilham estudos sobre processos de criação no entrelaçamento com a arte, a educação e a pesquisa, esse artigo apresenta conceitos sobre crítica genética elaborados pela professora Cecília Almeida Salles e três narrativas complementares, de cada uma das autoras, sobre processos de criação com a palavra no âmbito dos percursos de suas pesquisas em construção. Na tessitura de palavras lidas, ditas, sussurradas, colhidas, rascunhadas, desenhadas e escritas em suportes como diários de campo, cadernos de desenhos, pequenos papéis coloridos e murais, materializam-se pensamentos, reflexões, desejos, inquietações e descobertas que, gradualmente, ganham corpo em forma de texto. Ao tecer aproximações entre o ato de criação e o ato de pesquisar, as autoras convidam à reflexão de uma inquietação comum: Como trazer para a escrita os processos criativos da pesquisa?

### **Palavras-chave**

processos de criação, arte educação, pesquisa acadêmica.

### **Abstract**

This article was written by three researchers, who share the investigation on Creation Processes at the intersection among Art, Education and Research. It presents concepts on the Genetic Criticism by the professor Cecília Almeida Salles and three complementary narratives from each author, about the creation process of the writing, during the development of each individual research. On the weave of read, said, whispered, picked, drawn, sketched and written words on surfaces such as diaries, sketchbooks and colored pieces of paper on the walls, thoughts, reflection, wishes and discoveries materialize, which, gradually, embody the text. By weaving approaches between creation and research, the authors invite the reflection they share: How to bring the creation processes of the research to the writing?

### **Keywords**

creation processes, art education, academic research.

### **Resumen**

Escrito por tres investigadores que comparten estudios sobre procesos creativos en el entrelazamiento con el arte, la educación y la investigación, este artículo presenta conceptos sobre crítica genética elaborados por la profesora Cecilia Almeida Salles y tres narrativas complementarias, por cada uno de los autores, sobre procesos creativos con la palabra en el contexto de su investigación en construcción. En el tejido de las palabras leídas, dichas, susurradas, recogidas, bosquejadas, dibujadas y escritas sobre soportes como diarios de campo, cuadernos de dibujo, pequeños papeles de colores y murales, se materializan pensamientos, reflexiones, deseos, preocupaciones y descubrimientos, que, gradualmente, tomar forma en forma de texto. Al crear aproximaciones entre el acto de creación y el acto de investigación, los autores invitan a la reflexión de una preocupación común: ¿Cómo traer para la escrita los procesos creativos de investigación?

### **Palabras clave**

procesos de creación, educación artística, investigación académica

**ISSN: 2447-1267**

**“Criar é um exercício”****Moema Cavalcanti**

Esse texto nasce de um desejo comum das três autoras de partilhar com as leitoras e leitores os processos de criação engendrados por meio de suas leituras, escutas, conversas, estudos, desenhos e escritas no âmbito de suas investigações acadêmicas. Na tessitura de palavras lidas, ditas, sussurradas, colhidas, rascunhadas, desenhadas e escritas em suportes como diários de campo, cadernos de desenhos, pequenos papéis coloridos e murais, materializam-se os pensamentos, reflexões, desejos, inquietações e descobertas que, gradualmente, ganham corpo em forma de texto.

Com pesquisas de mestrado e doutorado sendo desenvolvidas na área de Arte e Educação, na linha de pesquisa “Processos Artísticos, experiências educacionais e mediação cultural” no Instituto de Artes da UNESP, as autoras integram o GPIHMAE (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imagem, História e Memória, Mediação, Arte e Educação) e, em 2019 formaram um grupo de estudos derivado deste que, periodicamente, estuda sobre Processos de Criação. Da escolha de onde partir, a produção teórica da professora Cecília Almeida Salles<sup>1</sup> delineou as primeiras leituras que vêm sendo aprofundadas nos entrelaçamentos entre a arte, a educação e a pesquisa.

Nesse artigo, ao elaborar relações entre o ato de pesquisar e o ato de criação, nos fundamentamos na crítica genética de Salles a partir de conceitos elaborados em seus livros “Gesto Inacabado, processo de criação artística” (1998, 2007) e “Redes de criação, construção da obra de arte” (2006). A crítica genética procura investigar como uma obra é fabricada ao se voltar para o processo criador, contudo, ela pode se voltar para processos de construção de quaisquer fenômenos (SALLES, 1998, p. 11) e, como tal, buscamos relações com nossas experiências educacionais.

Dos processos da escrita acadêmica de cada uma das autoras, a palavra é a matéria desse texto que, aos poucos, revela e desnuda a intimidade de percursos de pesquisa em construção. Assim, nesse artigo escrito à muitas mãos, cada uma das autoras partilha uma narrativa sobre os movimentos de criação com a palavra na sua pesquisa.

**Processos de criação: alguns pontos de partida, por todas nós**

Para falarmos sobre processos de criação, traremos algumas premissas acerca de sua natureza, a partir dos conceitos de Salles (2007). A primeira delas é o entendimento dos processos criadores como fenômenos **complexos**, portanto não-

1 Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, coordenadora do Grupo de Pesquisa em Processos de Criação

lineares, e, assim, distantes do senso comum que os limita a uma mera concretização de uma ideia genial, de um insight ou de uma inspiração inicial:

No contato com diferentes percursos criativos, percebe-se que a produção de uma obra é uma trama complexa de propósitos e buscas: problemas, hipóteses, testagens, soluções, encontros e desencontros. Portanto, longe de linearidades, o que se percebe é uma rede de tendências que se inter-relacionam (SALLES, 2007, p. 36).

A ideia de criação, a partir desse entendimento, “implica desenvolvimento, crescimento e vida; conseqüentemente, não há lugar para metas estabelecidas a priori e alcances mecânicos” (SALLES, 2007, p. 27). A ausência de metas preestabelecidas cuja concretização se resumiria a algo meramente operacional, nos leva à uma segunda premissa: a de que os processos de criação estão em **permanente construção e transformação**, trazendo consigo um aspecto de **transitoriedade**.

Não há, portanto, uma teoria fechada e pronta anterior ao fazer. A ação da mão do artista vai revelando esse projeto em construção. As tendências poéticas vão se definindo ao longo do percurso: são leis em estado de construção e transformação. Trata-se de um conjunto de princípios que colocam uma obra em criação específica e a obra de um artista como um todo em constante avaliação e julgamento (SALLES, 2007, p. 40).

O ato criador como essa trama complexa em permanente construção, formação e transformação, **se conecta à ação, ao trabalho**. Diferentemente de algo que permanece somente na imaginação, idealizado, é no confronto de uma ideia ou projeto com a realidade - através da manipulação de sua materialidade - que o(a) criador(a) se dá conta tanto dos obstáculos e limites os quais tem que aceitar, enfrentar e solucionar, bem como de novas ideias e possibilidades que pode incorporar, as quais, de outra maneira, não teriam surgido.

A partir desses conceitos, entendemos que, ao iniciar uma obra, o(a) criador(a) **não sabe com precisão o que irá criar**, nem exatamente onde irá chegar com sua criação, tornando a incerteza uma constante no caminho da criação. Trata-se, portanto, de um projeto criador que não está totalmente claro e definido de início e, o qual, vai sendo revelado ao longo dos processos de criação: “o artista não inicia nenhuma obra com uma compreensão infalível de seus propósitos” (SALLES, 2007, p. 39).

Buscando relacionar todos os conceitos acima apresentados, podemos entender os processos criadores como complexos, a partir do princípio de que não se sabe de antemão, com precisão, o que irá se criar, de modo que o projeto criador será, ao mesmo tempo, revelado e construído ao longo de seu processo de criação. Esse aspecto está intrinsecamente ligado aos outros dois conceitos: o de permanente construção dos processos de criação e o conceito, a partir do qual eles se manifestam na ação, no confronto com a materialidade, através do fazer. Um fazer que não se restringe a um fazer manual, já que envolve o levantamento de hipóteses, testes, experimentação e tomada de decisões na resolução de problemas, reforçando seu caráter complexo.

Diante das relações traçadas entre os conceitos apresentados e os nossos processos de criação envolvendo a palavra e o texto no âmbito de nossas pesquisas, partilhamentos, a seguir, alguns percursos a partir de nossas narrativas.

## **No Barco e no Farol, por Patrícia Marchesoni Quilici**

Em minha pesquisa, até o momento intitulada “No Barco e no Farol: Criando Práticas Artísticas para Crianças e a partir das Crianças em Mar Incerto”, intenciono examinar os processos de criação de atividades de arte voltadas para crianças e famílias, que acontecem em instituições culturais. Penso que seria quase incoerente pesquisar processos de criação sem olhar para os meus próprios processos criadores, mesmo que a título de curiosidade. Desde que iniciei minha pesquisa de mestrado me propus o exercício de olhar para ela como um ato criador e assim, buscar intersecções entre a teoria que tenho estudado e a prática, criando assim uma espécie de laboratório, onde eu sou minha própria cobaia.

Considero a fase de estudo e leitura muito prazerosa, já que lemos autores que nos interessam, nos instigam e alimentam nossas ideias. A leitura não é passiva: ao mesmo tempo que lemos, refletimos, fazemos relações, criamos hipóteses, e no meu caso, travo um diálogo com os autores, seja escrevendo comentários nos livros ou até mesmo numa conversa imaginária. Nessa fase fluida, senti como se eu já estivesse escrevendo mentalmente minha dissertação.

Foi na fase da escrita, no entanto, que muitos dos conceitos sobre os processos criadores, sobre os quais eu estava me debruçando, se tornaram mais evidentes na construção da minha pesquisa. Confesso que, antes de iniciar a escrita, eu estava tomada por uma certa ingenuidade, ao achar que o processo da escrita se consistiria em uma simples e fluida transcrição das minhas “já desenvolvidas” ideias para o papel, um mero registro de tudo o que eu acreditava já estar “resolvido” em minha cabeça.

Nesse momento, entendi, de fato, que os processos de criação só acontecem na ação, no fazer, ou seja, no confronto com sua materialidade, seja esta qual for, no caso: a palavra escrita. Foi um momento muito importante de confluência entre a teoria que eu estava estudando e a prática da concretização da pesquisa. Percebi que no campo das ideias, longe do confronto com a realidade (no caso, a escrita), tudo parece perfeito e muito coerente, tudo é linear em oposição ao aspecto de complexidade apontado por Salles (2007).

É somente no momento da materialização das ideias, que nos deparamos com a complexidade dos processos de criação através da ação, do fazer, do confronto com a materialidade. Enxerguei a complexidade ao me deparar com certas dificuldades e obstáculos no momento de escolher as palavras para explicitar minhas ideias e hipóteses, o que me levou à conclusão de que algumas delas não estavam, ou tão claras ou tão coerentes assim, como eu pensava. A complexidade, em oposição à

linearidade, tem uma profundidade que abarca ambiguidades e contradições, as quais precisam ser enfrentadas, resolvidas, ou, ao menos assumidas abertamente.

No entanto, a complexidade embutida no desenrolar dos processos criadores não traz somente dificuldades e obstáculos. Me dei conta que, durante o momento de labor podem também surgir novas possibilidades, as quais não seriam possíveis dentro da bolha do mundo das ideias, longe do embate com a forma. No confronto com a materialidade através da ação, me deparei com a possibilidade de inserção de novas ideias e perspectivas que não teriam condições de ter surgido somente no momento de estudo e leitura.

Foi no confronto com a matéria “palavra escrita”, que tive a real noção do que estava construindo, incluindo falhas, faltas, mas também, novas formas de pensar e novas configurações e hipóteses que, não fosse esse confronto, não teria me deparado. Retomando os conceitos de Salles (2007) apresentados no início, a **complexidade**, o aspecto de **constante construção** e transformação dos processos de criação ligados à **ação** e o fato de **não saber exatamente onde vão chegar**, nos faz repensar nossas escolhas, ter que aprofundar o estudo em algum tema, algumas vezes buscar novos assuntos e autores, refletir sobre questões que careciam de clareza, absorver novas ideias, e, muitas vezes até mudar de direção.

Para ilustrar um pouco dessas reflexões, trago duas imagens do meu processo de criação da dissertação (ainda em andamento). A primeira imagem é um desenho que fiz para entender melhor a metáfora que eu estava tentando criar em relação ao universo náutico e mesmo se esta faria sentido ou não. Para isso, senti necessidade de desenhar os diferentes elementos que pretendia utilizar metaforicamente e ao lado de cada um deles, escrevi o que representariam.

A segunda imagem, confesso que hesitei um pouco antes de decidir compartilhá-la, pois pode parecer um pouco incômoda de se olhar. No entanto, percebi que precisava ser coerente com o que acredito: a importância dos processos de criação e que esses não devem ser escondidos de modo que deem a falsa ideia de que tudo é criado de maneira mágica e harmoniosa. De fato, ao refletir um pouco mais, creio que este incômodo representa dois aspectos já comentados: a complexidade e a constante transformação dos processos de criação. O esquema trata de alguns conceitos que eu trago em um dos capítulos de minha dissertação, e os quais, precisei fazer esse esquema visual para entender melhor a relação entre eles. O esquema é um tanto caótico, tanto pelas ligações, quanto riscos e rasuras, sendo que precisei adicionar cores para conseguir organizar e visualizar melhor minhas ideias.

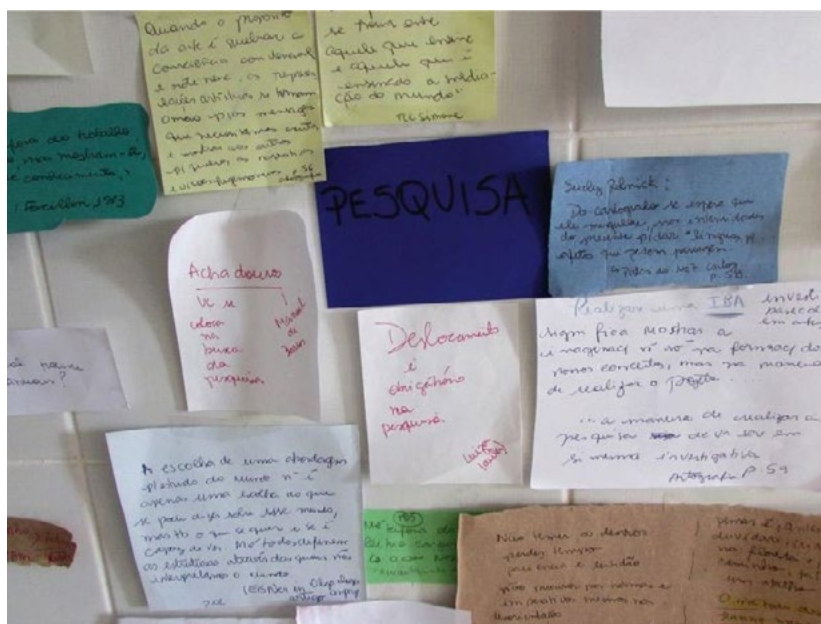


provocavam de alguma forma iam sendo materializadas em pedaços de papéis coloridos e coladas na parede que fica frente à mesa, onde geralmente me dedico às leituras e escritas.

São vozes, escritas, palavras que me atravessam e que dialogam com minha pesquisa e, materializadas e colocadas à vista, podem ser lembradas, conversarem com outras vozes, criarem composições, provocarem pensamentos e reflexões.

Essa polifonia de vozes, que foi ganhando corpo com o tempo e preenchendo cada vez mais espaços da parede, são compostas por trechos de pesquisas acadêmicas, de livros, escritas a partir de conversas tidas por telefone com amigos, trechos de filmes, imagens, frases que ouvi em aulas, poemas, livros de literatura, entrevistas com autores e artistas, perguntas, muitas perguntas que vão surgindo neste caminho, e também o que chamo de “suspiros”, que são como inspirações: palavras que me aflagam e me fazem lembrar da beleza de uma palavra que encontra com outra.

Esse conjunto de vozes que chegam até mim tem relação direta com o mundo ao qual estou inserida, com a minha rotina, com os lugares que frequento e as pessoas que fazem parte da minha rede de contatos. Para Cecília Salles as “anotações, esboços, filmes assistidos, cenas lembradas, livros anotados, tudo tem o mesmo valor para o pesquisador interessado e está tudo conectado” (SALLES, 1998, p. 88). Com esse pensamento trazido pela autora, valorizamos os saberes sem hierarquia, tudo é relevante e pode compor a trama que será tecida pelo pesquisador em um momento da pesquisa.



**Fig. 3.** Camila Feltre. Detalhe da parede com as colagens, 2020. Colagem, 200 x 160 cm, acervo pessoal, São Paulo.

Essa composição de vozes que vão sendo “coletadas” ao longo da jornada do pesquisador pode estar relacionada com o que Salles diz sobre a permanência do processo criador, de que quando se pesquisa ou quando se está envolvido no processo criativo - professor, artista, educador, etc - se está atento e em estado



desperto para que algo lhe aconteça, se está com a percepção aguçada. Assim, nesse estado de permanência, tudo parece estar conectado com a criação, mesmo quando está fazendo outra coisa, ou em estando em outro local que não o propriamente dedicado à escrita ou ao trabalho de criação:

É importante destacar que aquele que está envolvido em um processo criador está de tal modo comprometido com as obras em construção, que se coloca em condições propícias para encontros dessa natureza. Por um lado, o artista imerso no clima da produção de uma obra, passa a acreditar que o mundo está voltado para a sua necessidade naquele momento; assim, o olhar do artista parece transformar tudo para seu interesse, seja uma frase entrecortada, um artigo de jornal, uma cor ou um fragmento de um pensamento filosófico (SALLES, 2006, p. 148).

Assim, a criação é vista como algo que extrapola o espaço limitado e calculado de tempo e espaço, ou seja, o pesquisador está em **constante processo de produção**. “O processo mostra-se, assim, como um ato permanente. Não é vinculado ao tempo de relógio, nem a espaços determinados. A criação é resultado de um estado de total adesão” (SALLES, 1998, p.32). Esse movimento é muito marcante na pesquisa e cada um deles constitui um momento importante e fundamental para a pesquisa. Ou seja, não temos como prever o objeto tido como “final”, ou o que virá a ser, pois um movimento depende do outro, e assim por diante, mas não no sentido de progressão, mas de processualidade. Assim, “a criação artística é marcada por sua **dinamicidade**<sup>2</sup> que nos põe, portanto, em contato com ambiente que se caracteriza pela flexibilidade, não fixidez, mobilidade e plasticidade” (SALLES, 2006, p. 19).

Entrando em contato com esses “vestígios”, ou “rastros” que vão deixando marcas ou pontuando momentos diferentes da pesquisa, percebi que os registros fotográficos produzidos periodicamente - aproximadamente uma vez por mês - foram me trazendo outras informações sobre o percurso da minha pesquisa. Percebi um movimento no processo das colagens; tanto quanto a diversidade de vozes, já mencionada anteriormente, quanto a inserção de imagens como fotografias e o desenho de composição. Ou seja, com o tempo, percebi um momento de rearranjo, de alteração de lugares dos papéis, de criar outros campos de interesse, nomear grupos que se assemelhavam. Enfim, uma certa **metamorfose** marcada pela progressão do tempo, o que Salles nos aponta: “crescimento e as transformações que vão dando materialidade ao artefato, que passa a existir, não ocorrem em segundos mágicos, mas ao longo de um percurso de maturação” (SALLES, 1998, p. 32).

Para finalizar este pensamento, gostaria de trazer as “redes de colaboração” (SALLES, 2006, p. 156) como parte fundamental do processo de pesquisa. Ou seja, pensar como os diálogos, as trocas, as redes estabelecidas com outros pesquisadores, artistas, colaboradores impulsionam e provocam os movimentos da pesquisa. Esse é um importante conceito para nós, visto que o artigo nasceu de um processo de troca e reflexão a partir de grupo de estudo que pesquisa sobre processos criativos em arte e educação.

2 Grifo da autora.



**Fig. 4.** Camila Feltre. Paredes que falam, 2020. Colagem, 200 x 160 cm, acervo pessoal, São Paulo.

## Desenhos engendram palavras, por Camila Lia.

A escrita do texto acadêmico tende a nos provocar desafios e calafrios, às vezes, algumas noites mal dormidas diante de prazos de entrega e, sobretudo, do rigor exigido, por exemplo, em relação a sua objetividade e clareza de ideias. Nestes momentos de ansiedade, podemos sofrer uma espécie de bloqueio: por onde começar? Aprendemos na escola um modo de estruturar e desenvolver as nossas redações que, mais adiante em nossa vida adulta, pode não fazer tanto sentido. Algo foi esquecido e precisa ser lembrado. Esse algo, sobre o qual quero conversar aqui nesse artigo é a nossa relação com a palavra escrita que por algum motivo, podemos ter perdido o “fio da meada” com o qual é preciso reavivar e reinventar.

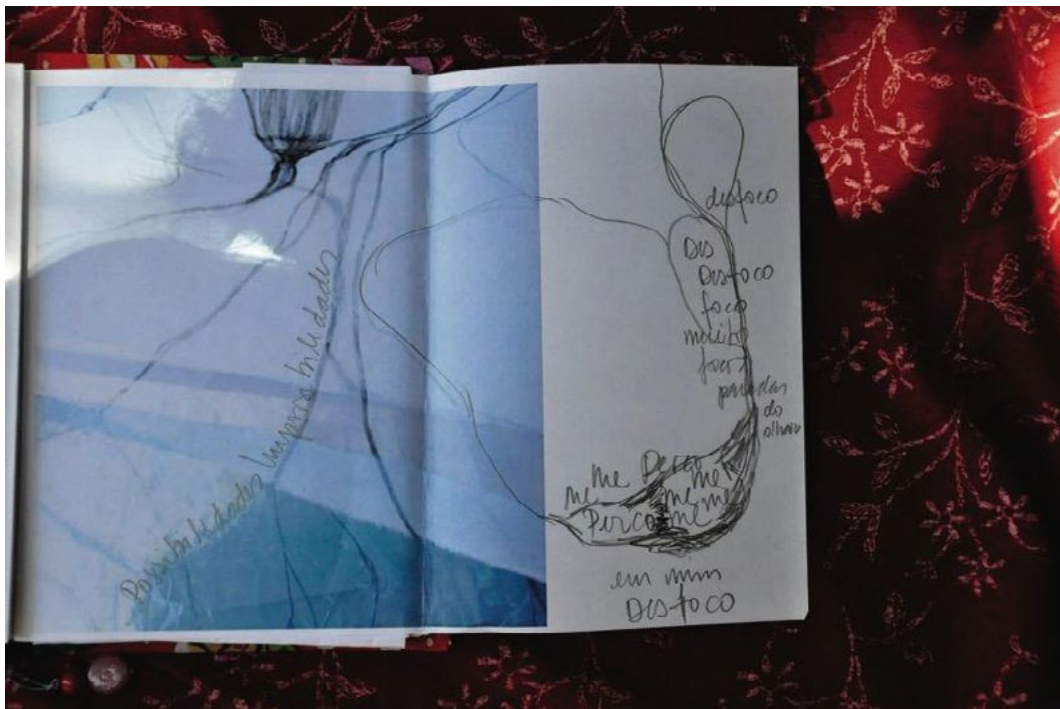
Para isso, vou contar sobre um momento muito especial de meu percurso como pesquisadora para ilustrar algumas ideias de Cecília Almeida Salles sobre o que ela compreende como recurso criativo e movimento tradutório para nos ajudar a lidar com a complexidade do movimento criador mencionado no início desse texto.

Em 2017 cursei como aluna especial a disciplina “Arte, Experiência e Educação, Cartografias de si: processo criativos e percursos de formação de professores” da professora Sumaya Mattarna pós-graduação de Artes Visuais da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP. Visando fornecer subsídios teóricos e metodológicos as nossas investigações artístico pedagógicas, a professora propôs exercícios prático-poéticos tais como registros em cadernos associados a outros dispositivos para “promover a reflexão, a criação artística e a criação didática e de colocar os sujeitos em relação

dinâmica consigo, com os outros e com o mundo” (MATTAR, 2017, p. 3277-3291). Um destes dispositivos envolveu a confecção de um caderno por meio de técnica artesanal durante uma das aulas, de modo que os gestos envolvidos desde seu princípio de elaboração, na escolha dos materiais, nos cortes, dobras e costuras dos papéis, eram gestos que gestavam o caderno como o lugar da escrita.

Confeccionar o seu próprio caderno como um lugar especial para escrever amorosamente as suas palavras, pode ser o que Salles entende por recurso criativo, um procedimento criativo como meio de concretização de uma obra e um “modo de expressão ou formas de ação que envolvem a manipulação e, conseqüentemente, transformação da matéria” (SALLES, 1998, p. 104). Na escolha destes recursos, investimos na relação inseparável entre forma e conteúdo que vai sendo manipulada pela ação do artista ou do arte/educador/pesquisador.

Ao longo das aulas, fomos provocados a ativar esse caderno por meio de anotações, desenhos, colagens ou outros procedimentos e materiais que o transformavam. Há uma relação dialética entre forma e conteúdo, como Salles (1998) aponta, em que é impossível desarticular estes dois elementos, um interfere no outro, são inseparáveis e se fundem. Como forma, o caderno foi sendo construído junto com seu conteúdo: palavras escritas à mão e desenhos fizeram assim, nascer um texto artesanal.

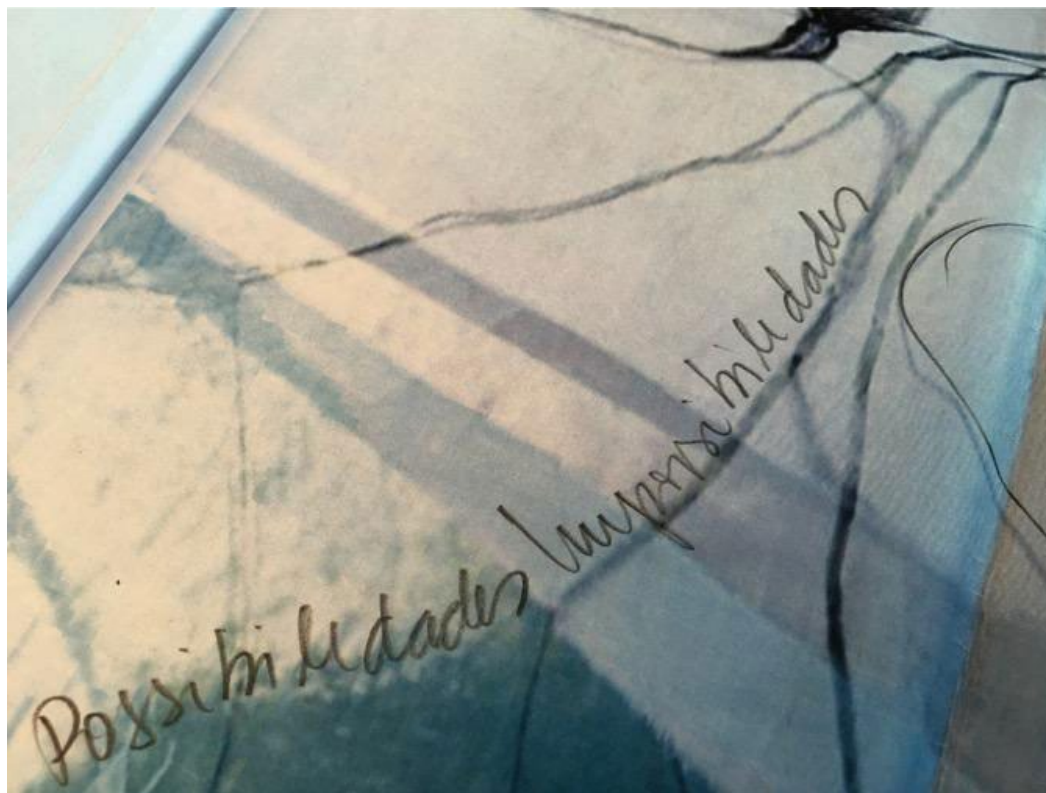


**Fig. 5.** Camila Serino Lia. Caderno de registros cartográficos, 2017. Técnica mista, 16 x 22 cm (fechado), acervo da autora, São Paulo.

Em anos anteriores eu havia produzido desenhos em tecidos num ateliê de modelo vivo que participei por muitos anos, mas eles estavam guardados há tempos. Durante a confecção do meu caderno na aula de Sumaya, senti desejo de voltar a tocar neles, talvez porque a minha percepção estava sendo aguçada pela manipulação

dos materiais artísticos. Salles diz que é a “excitação causada pela sensibilidade da percepção que permite a continuidade do processo” e que seus efeitos tem “poder gerativo: são sensações que tendem para o futuro” (SALLES, 1998, p. 96), ou seja, eu sentia-me impelida ao meu processo de criação como um organismo vivo, em movimento criador com a palavra.

Os tecidos estavam com cheiro de guardado e então os pendurei no varal de meu quintal. Eles são de voil de muitas cores - branco, lilás, vermelho, azul, preto - e os desenhos feitos com lápis pastel oleoso em cores contrastantes aos tecidos, então por serem leves, movimentavam-se suavemente como lençóis ao vento. Ao exercitar a minha observação artística desse fenômeno que me encantava, comecei a imaginar palavras desdobrando-se das linhas dos desenhos em movimento e, então, fiz uma série de registros fotográficos desses tecidos-desenhos no varal, depois imprimi estas imagens em papel e os organizei como as folhas de meu caderno.



**Fig. 6.** Camila Serino Lia. Palavras desenhos, 2017. Fotografia digital, acervo da autora, São Paulo

Dessa relação entre o caderno como dispositivo de registro proposto por Mattar e a ideia de recurso criativo de Salles percebo que minhas palavras foram gestadas artesanalmente: sem pressa, vagarosa e amorosamente foram cultivadas como extensões de linhas de desenho que materializavam meus pensamentos visuais.

Por fim, Salles diz que o “ato criador tende para a construção de um objeto em uma determinada linguagem, mas seu percurso é, organicamente, intersemiótico” [...], de “natureza híbrida” assim como a própria “obra abarca diferentes códigos” como temos observado nas artes contemporâneas. O que isso quer dizer? Que há “intervenção de diferentes linguagens em momentos, papéis e aproveitamentos

diversos” como “resíduos de diversas linguagens” encontrados nos documentos de processo dos artistas. Ou seja, os artistas utilizam-se em seus processos de linguagens outras que não são necessariamente a linguagem na qual a obra irá se concretizar, por exemplo, um poeta pode elaborar desenhos como registros de suas ideias. Há, assim, um movimento tradutório de conversões de uma linguagem para outra: “percepção visual se transforma em palavras, palavras surgem como diagramas, para depois voltarem a ser palavras, por exemplo” de modo que destas relações estabelecidas entre as linguagens é que cada processo de criação ganha unicidade (SALLES, 1998, p. 104-105).

## Considerações quase finais

Nesse artigo, procuramos pensar no texto como obra, trabalho, materialização de um pensamento. O que existe antes dele existir? Quando se inicia o processo criativo de um texto a devir? Como nasce a ideia, a palavra? Como podem ser os caminhos da escrita de um texto acadêmico? São algumas das indagações que nos impulsionam a continuar com nossos estudos, leituras, investigações e, sobretudo, criações. Estas questões movem-se juntamente com nossas pesquisas e tendem a se transformar pelas nossas experiências.

Temos compreendido o texto escrito e a palavra como criação que envolve um processo de pensamento criativo de nós, como pesquisadoras. Entendemos que podemos olhar para o caminho percorrido até então, atentando-nos para os rastros e vestígios deixados como tendências de metodologia de pesquisa em arte e educação. E você, leitor ou leitora, onde tem deixado rastros de suas criações com a palavra? Em quais suportes? Quais são seus recursos criativos? Quais linguagens artísticas você pode investigar movimentos tradutórios com a palavra? E se seu corpo for recurso criativo e de seus movimentos expressivos nascerem palavras?

## Referências

CAVALCANTI, Moema; MELO, Chico Homem de; MATSUSHITA, Raquel; MASSARO, Silvia. Moema Cavalcanti: **Livre para voar**. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2019.

MATTAR, Sumaya. **O ato cartográfico na docência da arte: instaurando estados criativos de experimentação**, In Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26o, 2017, Campinas. Anais do 26o Encontro da Anpap. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.3277-3291. Disponível em: [http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/S10/26encontro\\_\\_\\_\\_\\_MATTAR\\_Sumaya.pdf](http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/S10/26encontro_____MATTAR_Sumaya.pdf).

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado : processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998. 168p.

\_\_\_\_\_. **Gesto inacabado : processo de criação artística**. 3ª ed. São Paulo: FAPESP, Annablume, 2007. 168p.

\_\_\_\_\_. **Redes de Criação: construção da obra de arte**. Vinhedo, Editora Horizonte, 2006. 176p.

**Recebido em 20 de julho de 2020.**

**Aprovado em 12 de agosto de 2020.**